

**Título:** O economista do contra

**Veículo:** Época Negócios - **Localidade:** SÃO PAULO - SP - **Data de publicação:** 01/05/2013

**Editoria:** Visão - **Página:** 50 a 53

VISÃO / COREANO



# O ECONOMISTA DO CONTRA

*Em seu novo livro, o coreano Ha-Joon Chang questiona o capitalismo, contesta a eficácia dos investimentos em educação, diz que a inflação não é problema e afirma até que a máquina de lavar foi mais importante para a sociedade do que a internet / MARCELO CABRAL*

## QUE NÃO FALTA AO MUNDO SÃO ECONOMISTAS HETERODOXOS. O PRÓPRIO BRASIL TEM UMA

ampla safra, em boa parte gerada nas experiências econômicas feitas pelo país na década de 80. Poucos, no entanto, são tão ouvidos planeta afora quanto o sul-coreano Ha-Joon Chang. Por quê? Ele adora uma polêmica. Em seu livro mais recente, *23 Coisas Que Não Nos Contaram sobre o Capitalismo* (recém-lançado no Brasil), ele afirma que as máquinas de lavar e o telégrafo mudaram mais a sociedade do que a internet, diz que o planeta era tão globalizado no final do século 19 quanto hoje, questiona a eficácia de investir em educação e garante: a inflação está longe de ser um problema para o Brasil.

Pouca coisa na trajetória de Chang poderia indicar que ele se converteria em um polemista. Aos 49 anos, com experiência em cargos executivos em instituições como o Banco Mundial e o Banco Europeu de Desenvolvimento, ele tinha tudo para ser só mais um gestor financeiro de olho em investimentos, contas, títulos, carteiras e projetos. No entanto, influenciado por um professor de linha marxista, começou a enxergar deficiências no sistema econômico atual. Dali em diante, a partir de uma das principais cátedras da tradicional universidade de Cambridge, na Inglaterra, Chang foi se especializando em espezinhar o sistema. Não por acaso ganhou dos críticos a alcunha de anticapitalista.

Ele rebate: parafraseando a defesa da democracia feita pelo ex-primeiro-ministro britânico Winston Churchill, diz que "o capitalismo é o pior sistema econômico, excetuando todos os outros". Nesta entrevista, Chang explica sua forma de ver a economia.

**O senhor é um anticapitalista?** Não. Na verdade, estou tentando salvar o capitalismo. A história tem mostrado repetidas vezes que o capitalismo descontrolado cria problemas econômicos como a Grande Depressão e

a crise de 2008, além de tensões sociais como pobreza e desigualdade. E tudo isso dá origem às forças que destroem o próprio capitalismo. O comunismo, a ascensão do fascismo na década de 20 e vários políticos populistas na América Latina são apenas alguns dos exemplos mais proeminentes. Assim, aqueles que pedem o controle mínimo do Estado e o máximo de livre mercado são os verdadeiros inimigos do capitalismo, porque as suas políticas vão criar as condições para a destruição desse sistema.

**Ainda é possível imaginar um sistema econômico alternativo após a queda do comunismo?** Hoje pode não haver uma alternativa ao capitalismo, mas o ponto é que existem muitos capitalisms. Os sistemas que vemos nos Estados Unidos, no Reino Unido e em vários países latino-americanos não têm se saído tão bem como aqueles que existem em nações como Suécia, Finlândia, Alemanha, Japão e Coreia do Sul, por exemplo. Eu não estou dizendo que esses países

**Título:** O economista do contra

**Veículo:** Época Negócios - **Localidade:** SÃO PAULO - SP - **Data de publicação:** 01/05/2013

**Editoria:** Visão - **Página:** 50 a 53



Ha-Joon Chang:  
"Não sou  
anticapitalista.  
Sou contra o  
capitalismo  
descontrolado"



**Título:** O economista do contra

**Veículo:** Época Negócios - **Localidade:** SÃO PAULO - SP - **Data de publicação:** 01/05/2013

**Editoria:** Visão - **Página:** 50 a 53

VISÃO / COREANO

não têm problemas. Mas é fato que eles vêm encontrando maneiras de tornar o capitalismo mais dinâmico e mais igualitário com uma abordagem mais liberal.

**O senhor costuma dizer que um dos problemas do capitalismo é que ele tem mercados financeiros eficientes demais. Não é uma contradição?**

Quando eu digo "muito eficiente", estou sendo irônico. Um mercado financeiro eficiente significa que ele pode responder rapidamente à mudança de cenários. Isso, no entanto, torna o mercado propenso ao comportamento de manada e, assim, a altos e baixos repentinos. Além disso, os mercados financeiros que são "eficientes demais" criam pressão sobre as empresas para entregarem lucros rapidamente, porque os investidores podem logo mudar seu dinheiro para outros ativos, que lhes darão lucros maiores. E isso, infelizmente, significa que as empresas serão cada vez mais geridas através de mentalidade de curto prazo, reduzindo investimentos e vendo sua produtividade de longo prazo cair. Então, mercados financeiros que são eficientes demais não são bons nem para si mesmos nem para o resto da economia.

**“ A MÁQUINA DE LAVAR MUDOU MAIS O MUNDO DO QUE A INTERNET. NÃO FOSSE ELA E AS MULHERES NÃO SE LIBERTARIAM DO TRABALHO DOMÉSTICO E NÃO TERIAM SE TORNADO MAIS ATIVAS NO MERCADO ”**

**Apesar da maior parte das startups virem de países como os EUA, o senhor diz que as nações pobres são mais empreendedoras do que as ricas. Por quê?**

Depende do que você quer dizer quando usa o termo "startups". Nos países em desenvolvimento, milhões e milhões de pequenos novos negócios são criados e destruídos o tempo todo. Hoje, nos países ricos, só 10% das pessoas trabalham para elas mesmas; em algumas nações emergentes, esse índice pode chegar a 90%. O ponto é que as pessoas nos países pobres

não são menos empreendedoras que nos ricos, pelo contrário. A diferença é que elas simplesmente não têm o ambiente institucional e a infraestrutura de tecnologia para se transformarem em empreendedores mais produtivos.

**Em seu livro, o senhor afirma que a lavadora de roupas e o telégrafo mudaram mais o mundo do que a internet. Como entender esse conceito?**

Para entender o impacto de uma tecnologia no passado, você não deve julgá-la a partir do ponto de vista atual. Vendo hoje o telégrafo pode parecer primitivo, mas, em termos de aceleração da velocidade na transmissão de mensagens, ele teve um impacto muito maior em sua época do que a internet tem nos nossos dias. Quanto à máquina de lavar roupa, o ponto é que, ao decidir qual tecnologia teve mais impacto, não devemos nos ater ao charme que essa tecnologia traz. A lavadora e outras tecnologias ligadas ao trabalho doméstico podem não ter encantamento, porque lidam com as coisas cotidianas. Mas foi exatamente porque a máquina de lavar libertou as mulheres do trabalho doméstico que elas se tornaram mais ativas no mercado. Isso deu mais poder de barganha às mulheres junto a seus parceiros, desencadeando um conjunto enorme de mudanças sociais.

**O mundo era mais globalizado no final do século 19 do que hoje?**

Há evidências estatísticas claras de que a economia mundial estava quase tão globalizada no final do século 19 como está hoje. Na verdade, quando se trata de movimento de pessoas, o planeta era ainda mais globalizado naquela época. É claro que esse nível elevado de globalização entrou em colapso em meados do século 20, porque a economia mundial foi mal administrada. O nível anterior só foi recuperado no final dos anos 90. Isto mostra que não é simplesmente a tecnologia que impulsiona a globalização, mas também as políticas governamentais e os acordos internacionais.

**O senhor diz ainda que o investimento em educação pode não melhorar a situação de um país. Qual é então o papel da educação?** A educação tem pelo menos três funções. Uma delas é equipar as pessoas para

**Título:** O economista do contra

**Veículo:** Época Negócios - **Localidade:** SÃO PAULO - SP - **Data de publicação:** 01/05/2013

**Editoria:** Visão - **Página:** 50 a 53

que elas possam viver, digamos, de forma mais plena. Alfabetização, filosofia, estudos religiosos, história e geografia são assuntos que capacitam todos a serem mais realizados enquanto indivíduos. O segundo é aumentar a produtividade das pessoas enquanto trabalhadoras, ensinando matemática e ciências. O terceiro papel da educação é o de fornecer aos empreendedores o que os economistas chamam de "dispositivo de triagem". Os executivos muitas vezes contratam pessoas vindas de boas universidades, mesmo que elas ainda não tenham as qualificações técnicas necessárias, porque eles sabem que essas pessoas são inteligentes e têm a disciplina para, em breve, executar bem seu serviço.

O problema é que só o segundo desses itens é diretamente relevante para a produtividade econômica de um país. Então o retorno ao que se investe em educação, em termos de produtividade, pode ser muito menor do que normalmente se imagina. Além disso, os países precisam fornecer os empregos certos para as pessoas que educam. Em alguns lugares há um desencontro entre as vagas que as empresas oferecem com o nível de instrução geral. Nesses casos, um monte da educação será "desperdiçado", porque muitas pessoas instruídas não conseguem o trabalho que exige as habilidades específicas que elas têm.

**Mas seu país, a Coreia, teve um programa maciço de investimento em educação e seus indicadores ultrapassaram os do Brasil. Isso não mostra o poder da educação no lado econômico?** Mesmo levando em conta que a relação entre educação e produtividade não é direta, é verdade que a educação foi um fator que beneficiou a Coreia. Passamos de um país que tinha dois terços da renda per capita do Brasil [em 1961, a renda coreana era de US\$ 80, ante US\$ 120 do Brasil] para uma nação com mais que o dobro da renda brasileira hoje [US\$ 30 mil ante US\$ 11 mil]. No entanto, também há uma série de outros fatores em jogo. Entre eles há o alto investimento, a ênfase no aumento da capacidade de exportar e o foco em reduzir a dependência de empresas estrangeiras, desenvolvendo a tecnologia nacional.

#### **Como o senhor vê a situação da economia brasileira hoje?**

O Brasil tem passado por um sério declínio de sua indústria ao longo dos últimos 30 anos. Países não conseguem alcançar níveis muito altos de vida sem ter uma base industrial forte, então é preciso reconstruir uma parte dessa base de produção perdida. Felizmente, o atual governo tem reconhecido a gravidade do problema. Ele reverteu a política macroeconômica que mantinha as taxas de juros altas e a moeda sobrevalorizada. Também está ficando mais sério na questão da política industrial.

#### **Qual o risco de um surto inflacionário por aqui? Até que ponto o governo deve sacrificar um crescimento econômico maior em favor do combate à inflação?**

Não há evidência de que uma inflação abaixo dos 10% ao ano tenha qualquer consequência negativa, seja para o crescimento econômico ou para a estabilidade. É provável que o problema inflacionário não seja muito sério no Brasil. O governo precisa acompanhar os índices com cuidado e não deixar que eles fiquem fora de controle, mas eu acho que o perigo de um surto inflacionário ainda está longe.

#### **O que a crise pode mudar no sistema econômico mundial?**

Existe agora um reconhecimento de que precisamos de uma regulamentação mais cuidadosa, especialmente do mercado financeiro. Algumas dessas mudanças já foram feitas e outras serão introduzidas em breve. Claro, há resistências em algumas áreas, sobretudo nos sistemas financeiros de EUA e Grã-Bretanha, mas eu acho que iremos viver em um mundo em que os mercados serão mais controlados do que foram ao longo dos últimos 30 anos. ©



**O GOVERNO  
BRASILEIRO  
PRECISA  
ACOMPANHAR  
OS ÍNDICES DE  
INFLAÇÃO COM  
CUIDADO E NÃO  
DEIXAR QUE FIQUEM  
FORA DE CONTROLE.  
MAS NÃO ACREDITO  
NUM SURTO  
INFLACIONÁRIO  
NO PAÍS**

